

# OBSERVATÓRIO DO MACHISMO RECREATIVO EM REDES SOCIAIS, ESPAÇOS DE LAZER, ESPORTE E MÍDIAS

Silvana Colombelli Parra Sanches

silvana.sanches@ifms.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

**Resumo.** Esta pesquisa pretende conceituar coletivamente o termo machismo recreativo através de rodas de discussão com pesquisadores, orientadores, orientandos e colaboradores, através da coleta documental de exemplos em mídias digitais, peças publicitárias, indústria de entretenimento, esporte e lazer, situações que evidenciam a temática, de forma a constituir um observatório. Os referenciais teóricos a serem visitados no processo do projeto, além do autor que cunhou o termo racismo recreativo, Adilson Moreira, são os autores do grupo modernidade e colonialidade, das relações sociais de gênero, da psicologia social e dos estudos culturais e pós-críticos. A metodologia é atravessada pelo desconstrucionismo de Jacques Derrida, e pelo rizoma de Deleuze e Guattari. Como resultado, além da produção textual coletiva, tem-se a participação em eventos científicos, a produção de trabalhos de conclusão de curso sobre a temática e, se possível, a publicação em livro com autoria dos envolvidos na investigação.

**Palavras-Chave.** máximo três palavras-chave, separadas por vírgulas, com o mesmo formato do resumo.

**Abstract.** This research intends to collectively conceptualize the term recreational sexism through discussion circles with researchers, advisors, advisees and collaborators, through the documentary collection of examples in digital media, advertising, entertainment industry, sports and leisure, situations that highlight the theme, to form an observatory. The theoretical references to be visited in the project process, in addition to the author who coined the term recreational racism, Adilson Moreira, are the authors of the modernity and coloniality group, of social gender relations, of social psychology and of cultural and post-critical studies. The methodology is crossed by the deconstructionism of Jacques Derrida, and by the rhizome of Deleuze and Guattari. As a result, in addition to the collective textual production, there is participation in scientific events, the production of course conclusion works on the subject and, if possible, publication in a book authored by those involved in the investigation.

**Key words.** prejudice, gender, communication.

**Resumen.** Esta investigación pretende conceptualizar colectivamente el término *sexismo recreativo* a través de círculos de discusión con investigadores, asesores, asesorados y colaboradores, a través de la recopilación documental de ejemplos en medios digitales, publicidad, industria del entretenimiento, deportes y ocio, situaciones que resaltan el tema, para formar un observatorio. Los referentes teóricos a ser visitados en el proceso proyectual, además del autor que acuñó el término *racismo recreativo*, Adilson Moreira, son los autores del grupo de la modernidad y la colonialidad, de las relaciones sociales de género, de la psicología social y del grupo cultural y pos-estudios críticos. La metodología está atravesada por el deconstruccionismo de Jacques Derrida, y por el rizoma de Deleuze y Guattari. Como resultado, además de la producción textual colectiva, existe la participación en eventos científicos, la producción de trabajos de conclusión de cursos sobre el tema y, si es posible, la publicación en un libro de autoría de los involucrados en la investigación.

**Palabras clave.** prejuicio, género, comunicación

## 1 Introdução

Este livro pretende captar, pensar e desconstruir acontecimentos em espaços de lazer e divertimentos no território brasileiro, sejam eles espaços físicos ou virtuais, nos quais as pessoas, ao se expressarem comicamente, deixam transparecer seus pré-julgamentos e pré-conceitos em torno do ser mulher, do feminino, do papel social atribuído a pessoas que se definem como mulheres. Chamo estes acontecimentos de machismo recreativo e pretendo pensar este conceito a partir da análise dos acontecimentos. Estes acontecimentos captados em redes sociais, espaços midiáticos de esporte e lazer serão postos em discussão, sob rasura, e, portanto, sob análise com elementos (referências) dos estudos culturais, de gênero, decoloniais, pós-críticos, que podem ajudar a entender como ocorrem os constrangimentos, ataques às subjetividades subalternas e sentimentos fraturados, entre outras consequências várias, advindas do ato ou atos em questão.

É uma pesquisa teórica, documental, e a necessidade de sua existência se entrelaça à profundidade que o texto pode alcançar acerca dos fenômenos sociais disponibilizados maciçamente nos meios de comunicação da pós-modernidade, e, operados de forma criativa, amarrados através da imaginação sociológica, com a articulação destes acontecimentos à teoria pós-crítica e descolonizadora para resultar na conceitualização convincente e adequada do termo machismo recreativo.

É de amplo conhecimento da população mundial que brincadeiras, deboches, piadas e comentários cômicos a respeito do feminino e das mulheres são recursos utilizados há milênios, em várias partes do planeta, para a destituição destas pessoas dos espaços e

mecanismos de exercício de poder. Para considerar uma mulher inapta a exercer um cargo, função ou atividade, em muitos casos, passa por desacreditar suas habilidades através do riso, da ironia ou maledicência debochada. Tudo o que corresponde ao universo feminino é passível de ser ridicularizado em vários espaços sociais, principalmente naqueles nos quais a mulher não tem tradição de mando, que são a maioria. Para transgredir essa regra da desigualdade de gênero, vou usar aqui o que Berth (2020, p. 54) chama de empoderamento:

É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e desconstróem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas.

O humor como estratégia do controle masculino objetifica e aprisiona as mulheres e todos aqueles que se identificam com o ser feminino, na medida que intenciona menosprezar as suas características mais caras. Existem inúmeras situações sutis, mas persistentes, que denotam a inferioridade atribuída às mulheres e a tudo o que é do universo feminino, em palavras, sons, gestos e símbolos. Estudar este fenômeno social, debater e escrever sobre ele, pode fortalecer a luta e empoderar aquelas mulheres que necessitam mudança em relação a esta realidade, que incide na identidade de gênero destas, e, atravessa e afeta a todas, todos e todes.

## 2. Metodologia

Esta pesquisa, em relação ao método ou à contraposição dele, se insere na perspectiva pós-estruturalista francesa da segunda metade do século XX, que tem como referência nomes como Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Derrida (1930-2004) é o precursor do desconstrucionismo, termo que surge na arquitetura e convida a ler o mundo decompondo-o de forma estratégica em sua dimensão política e intelectual. Desconstruir é colocar os dados que envolvem temas e acontecimentos, sob rasura, desfazer sem destruir, desprezando a tirania do Um, considerando este Um o sistema de pensamento hegemônico e dominante. Derrida dissolve as oposições conceituais dualistas, binárias, e, mina o desequilíbrio de poder em seu método, ao fazer emergir epistemes de grupos minoritários e primar pelo conhecimento autocentrado.

Na perspectiva derridiana, o surgimento das diferenças através do discurso vivo e circular, ao qual ele chama de super-discurso e arquiescritura, é elemento pulsante que produz os resultados científicos e aproxima o pensamento filosófico da vida em sociedade ao gênero literário, poético e subjetivo. Para Derrida, a crítica: “Não poderá exceder-se até amar a força e o movimento que desloca as linhas, a amá-la como movimento, como desejo, em si mesmo, e não como acidente ou a epifania das linhas.” Nesta mesma página, em relação à diferença, o autor escreve: “A diferença não pertence simplesmente à história nem à estrutura.” [grifo do autor] (DERRIDA, 2014, p. 39). Assim, este autor sugere um descentramento de ideias como força e significação de um objeto de pesquisa, o que pretendemos aqui.

Gilles Deleuze (1925-1995) e Pierre-Félix Guattari (1930-1992) são os autores dos cinco volumes de *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, livros nos quais desenvolvem um tratado filosófico em defesa do pensamento antifascista e rizomático. Sobre o rizoma assim se manifestam:

Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a  $n$  dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído. [...], o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, desestratificação, como dimensões, mas também de linhas de fuga ou desterritorialização [...]. [...], o rizoma é um sistema acentrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 43)

Neste sentido, fazer rizoma na pesquisa é produzir platôs nos quais o descentramento e atravessamentos de pensamentos coletivos divergentes se tornam ambivalentes e não-excludentes. Ao pensar por meio da filosofia produzida por Deleuze e Guattari, a intelectual brasileira Suely Rolnik, foi uma pesquisadora pioneira ao apresentar a ideia de cartografia sentimental em sua tese de doutorado intitulada *Cartografia sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial*, orientada por Marilena Chauí, defendeu em 1987 e não abandonou o método ao longo das décadas. Em publicação de 2016 mostra o caminho para fazer uma cartografia sentimental em/na visita de um museu, o que podemos transpor para a reflexão que queremos fazer nesta investigação:

Você entra. De cara, você é tomado por um estranhamento. É como se o seu olhar habitual não desse conta de alguma coisa. Você sabe que ali se passa algo. Você percorre toda a exposição e sai. Junto, você leva essa estranha sensação. Pouco a pouco, alguma coisa vai tomando corpo em você. Algum tempo depois você volta ao museu. Essa estranha impressão o conduz, apesar de você mesmo. Não há indicações, mas você caminha pela exposição em direções como que

predeterminadas. Uma trama de sentidos invisíveis vai se articulando. É como se você cobrisse e descobrisse aquele espaço, numa espécie de roteiro iniciático. Você está sendo levado a percorrer/traçar, descobrir/inventar uma cartografia. E as direções são múltiplas. (ROLNIK, 2016, p. 177) [grifo da autora]

É assim que abordo a temática do machismo recreativo, com um olhar carregado de referências, um olhar que vê para além das superficialidades do cômico e do duplo sentido das palavras, que possa proporcionar uma cartografia de uma realidade que inferioriza as mulheres e o feminino.

É uma pesquisa teórica baseada em documentos produzidos por terceiros como imagens, materiais audiovisuais, postagens em blogs, redes sociais e youtube, peças publicitárias e afins, além de jornalismo esportivo, de entretenimento e lazer; A investigação acontece através da coleta destes materiais que estão disponíveis nos meios de comunicação e afins, e, o entrelaçamento destes com a teoria social de gênero, do grupo modernidade/colonialidade, dos autores afrocentrados, do movimento feminista brasileiro, dos estudos pós-críticos, desconstrucionistas e decoloniais.

A análise deste material coletado será dividida por temas que envolvem o machismo recreativo, e, as referências teóricas amarradas aos acontecimentos observados por meio da criatividade e perspicácia científica durante o processo de escrita. Podemos dividir as reflexões em várias formas de ser mulher como alvo do gênero comédia: mulher negra, mulher indígena, mulher trans, mulher gorda, entre outras.

### 3. Resultados e Discussão

Ao longo de milênios, determinados grupos sociais foram subalternizados por fatores como pobreza, relações étnico-raciais, deficiências várias e relações de gênero, e, constantemente atacados como alvo de campanhas publicitárias e pela indústria de entretenimento, esporte e lazer com conteúdo de escárnio e depreciação. Este projeto de pesquisa quer fazer o recorte de gênero, mas não impede também de trabalhar em interface às interseccionalidades impostas pelo racismo e pela desigualdade relativa às classes sociais, dentre outras.

Humoristas e comediantes, com seus trabalhos marcadamente racistas e desumanizadores, sempre usaram esses elementos como parte de suas piadas, exagerando e caricaturando de maneira violenta. O intolerável black-face, técnica teatral utilizada no início do século XX, que consistia em fantasiar pessoas brancas de negras de forma grotesca, é um exemplo clássico de como os veículos de comunicação e as artes em geral tiveram – e ainda têm – papel importante no flagelo da autoestima e autoaceitação de indivíduos negros. (BERTH, 2020, p. 117).

Em 11 de janeiro de 2023, como um dos primeiros atos do terceiro mandato do governo Lula, tem-se a promulgação da Lei 14.532 que altera a Lei de Crime Racial de 1989, ao inserir o artigo segundo que considera crime: “Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro, em razão da raça, cor, etnia ou procedência nacional.” Pena: reclusão, de 2 a 5 anos e multa. A pena aumenta se o crime for cometido por duas ou mais pessoas. Há também a alteração do artigo vinte, que aumenta a pena de um terço até a metade quando o racismo ocorrer em um contexto ou com o intuito de descontração, diversão ou recreação. (BRASIL, 2023).

Um exemplo de acontecimento, similar aos que pretendemos abordar nas rodas de discussão do observatório, é o caso de Michele Maximino, que em 2013 foi considerada a maior doadora de leite humano do mundo e entrou no Guinness Book porque doou mais de 300 litros de leite para hospitais de Pernambuco. Se valendo deste fato, Danilo Gentili, famoso humorista da televisão brasileira, em programa “Agora é Tarde”, no qual era o apresentador, comparou esta mãe a uma vaca e também ao ator pornográfico Kid Bengala.

A partir de então o que antes era visto com admiração e respeito pelos moradores de sua cidade, Quipapá, na Zona da Mata em Pernambuco, acabou virando alvo de piadas e ela precisou se mudar com sua família para Recife. Ela entrou na justiça em busca de reparação e não só Danilo Gentili, mas seu parceiro de palco Marcelo Mansfield e a Rádio e a TV Bandeirantes, após sete anos do ocorrido, foram condenados pela justiça por danos morais e devem pagar 80 mil corrigidos desde 2013 a Michele. Segundo a G1 de Pernambuco (2021, web) a mesma declara: “Isso afetou muito minha vida, porque tive que sair da cidade em que morava, precisei me tratar com psicóloga. Foi bastante doloroso, mas a gente tenta levar a vida.”

O caso relatado revela como simples palavras podem desencadear danos reais às pessoas para quem foram direcionadas. O ato de falar, a linguagem escrita, a forma como se dispõem simbolicamente elementos gráficos e o sentido dado na combinação entre palavras, sons e imagens podem sim impactar subjetivamente indivíduos e até multidões.

Lévi-Strauss, antropólogo estruturalista do século XX, ao mergulhar em mitologias dos povos indígenas que vivem no Brasil, relatou um mito ancestral da etnia Terena, etnia presente em Mato Grosso do Sul, o qual relaciona ao riso o surgimento da linguagem e da fala entre os seres humanos:

#### M 45 TERENA: ORIGEM DA LINGUAGEM

Depois de tirar os homens das entranhas da terra, o demiurgo Orekajuvakai quis fazê-los falar. Mandou que eles se colocassem em fila, um atrás do outro, e convocou o pequeno lobo para fazê-los rir. Ele fez todo tipo de macaquices (sic), mordeu a própria cauda, mas nada aconteceu. Então Orekajuvakai chamou o pequeno sapo vermelho, que divertiu a todos com seu andar cômico. Na terceira vez em que ele passou ao longo da fila, os homens começaram a falar e rir às gargalhadas... (Balduis 1950:219). (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 151).

A linguagem também é utilizada pelos seres humanos como recurso para exercício de poder. Neste mito, aparece a figura de um Demiurgo, que é um ser poderoso que transita entre os universos da natureza e da cultura, capaz de dialogar com humanos, animais, plantas e espíritos, nas mitologias indígenas. Mitos são metáforas sociais e o demiurgo aqui se apresenta como alguém revestido de poder. Adilson Moreira, jurista negro e intelectual brasileiro que conceituou o termo racismo recreativo, define o humor como:

O humor é comumente definido como o resultado de uma ação ou de uma mensagem que induz uma pessoa ao riso em função da natureza jocosa, estranha ou inesperada de certo evento. (MOREIRA, 2019, p. 68).

O problema não é o riso, a gargalhada, enfim, a alegria. O que se problematiza aqui é o uso da linguagem, do riso e do humor para exercer poder e fabricar estereótipos. Estes estereótipos funcionam como rótulos na contemporaneidade, resumindo identidades complexas de forma exponencial, através da internet e mídias digitais, de forma a perpetuar as hierarquizações e privilégios.

[...] o discurso do ódio representa um limite à liberdade de expressão [...]. E o riso, embora tantas vezes seja saudado como libertador, pode tanto desafiar quanto confirmar os discursos dominantes, os preconceitos e os estereótipos cristalizados. (MIGUEL, 2013, p. 105) [grifo do autor]

Anterior a esta fase do *stand up* e da comédia digital, havia inúmeros casos de machismo recreativo, e, longe de serem problematizados, como, por exemplo, os programas de auditório de Silvio Santos, Gugu Liberato e Faustão. As brincadeiras com as dançarinas, as insinuações com as mulheres da plateia, independente da idade, eram constantes nas edições, geralmente de domingo, na televisão brasileira.

Neste cenário, as mulheres negras da classe trabalhadora parecem ser a mais impactadas, como se tivessem um alvo desenhado para absorver toda a sorte de brincadeiras machistas e desqualificantes. “E não é por acaso que a maior parte da clientela dos hospícios brasileiros é constituída por negros e mulheres; não é por acaso que a mulher negra se encontra na prostituição, [...]”, afirma Gonzalez (2020, p. 249) no final do século XX.

Carneiro (2011) escreve que são elas que detêm mais sequelas em sua saúde mental no que se refere a perda de autoestima por episódios desmoralizantes. Fato que também contribui para a uma menor expectativa de vida em relação às mulheres brancas (cerca de cinco anos), menor índice de casamentos e maior confinamento em profissões invisibilizadas, desprestigiadas e de baixa remuneração. É um ciclo sem fim de desqualificação de uma camada imensa da população, sabotada pelo sarcasmo em forma de olhares e palavras, e, de atitudes sutis de reprovação pigmentofóbica e misógina.

A desconsideração do relato é muito importante, nestes casos, para invalidar a relevância destes. “É muito comum ouvirmos o argumento segundo o qual produções culturais que reproduzem estereótipos raciais não são discriminatórias porque promovem a descontração das pessoas.” (MOREIRA, 2019, p. 19). Os defensores destas práticas humorísticas também evocam o direito à liberdade de expressão, a tentativa de censura e cerceamento de opinião e vitimização. Mas esquecem, ao fazer essa defesa descabida, de que o racismo, e também o machismo, a gordofobia, a homofobia e o capacitismo são práticas preconceituosas estruturais e estruturantes da sociedade, revelam um projeto de dominação instalado há muito e, desconstruí-las, é nosso dever enquanto cidadãos pensantes e comprometidos com a justiça social e relações sociais mais equânimes, saudáveis e libertadoras.

Na comunidade científica, que envolve teses, dissertações, livros, artigos, ensaios, entre outros, começa-se, ao longo dos últimos anos, a encontrar o emprego do termo racismo recreativo para tratar dos casos de entretenimento, esporte e lazer que envolvem o uso do humor atrelado às relações étnico-raciais. O racismo recreativo incide sobre a estima social, sendo assim conceituado por Moreira (2019, p. 148):

[...] um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial.

Neste projeto defendemos que é possível realizar eventos artísticos, humorísticos, publicidade com teor cômico, sem recorrer ao preconceito de gênero. No humor das tirinhas de Laerte Coutinho, como vê-se na próxima figura, há a abordagem de gênero sem o teor ofensivo, e, com intenção cômica (LAERTE, 2021, p. 115):

**Figura 2** – Tirinha de Laerte Coutinho.





Fonte: LAERTE, 2021, p. 115.

Nesta charge, a artista utiliza do humor, com uma personagem mulher trans negra e jogadora de futebol, para provocar reflexão sobre relações sociais de gênero. Abordagens como esta desconstruem o machismo recreativo na medida que contribuem para olhares, que embora carregados de humor, são mais saudáveis para com as relações sociais de gênero, vivência da sexualidade e afirmação de identidades. Quando Moreira (2019) aborda o racismo recreativo, ele está interessado nos sentidos culturais que determinadas expressões, que reproduzem ideologias sociais e servem à manutenção de um estigma, adquirem em contextos diversos.

O humor expressa e consolida sentidos sociais que operam de forma similar em outros contextos da vida dos indivíduos. Os estereótipos negativos presentes em piadas racistas são os mesmos que impedem o acesso a oportunidades profissionais e acadêmicas.

Podemos transpor o que este autor coloca como piadas racistas para piadas machistas e observar com meticulosidade como se opera o uso do gênero comédia em nossas interações sociais para a exclusão ou depreciação de mulheres cis ou trans em espaços públicos e instituições como o Estado, a escola, igrejas e hospitais. A tirinha trabalhou com uma personagem mulher trans. Em muitos casos, as mulheres trans são atacadas, em chamadas humorísticas, no que se refere à vivência da sexualidade e da feminilidade no cotidiano. No caso de mulheres cis, tem-se uma infinidade de piadas relacionadas à maternidade – ser mãe, às relações conjugais formais – ser esposa e à tensão pré-menstrual.

Um caso relativamente recente, perpetrado contra uma mulher cis famosa, Wanessa Camargo, cantora e filha do também cantor Zezé de Camargo, cometido por Rafinha Bastos durante o extinto programa “Custe o que custar” em 2011 na TV Bandeirantes, disse que “[...] comeria a ela e o bebê.” A cantora estava grávida do primeiro filho José Marcus. Ela e o marido entraram com um processo judicial e o humorista foi obrigado a

pagar 250 mil reais à família. Neste caso, podemos observar a interrelação entre a maternidade com conteúdo sexual, o que configura uma linguagem degradada e chula para provocar o riso e fazer humor.

Em 12 de abril de 2022, em rede social Twitter, Rafinha Bastos escreveu que por ter pago essa quantia iria lembrar a piada pelo resto da vida. (UOL, 2022, web). Esta postura do comediante mostra que não há arrependimento e que ele não avançou com relação a atitudes mais empatas para com as pessoas com identidades diferentes da sua. Wanessa Camargo é como ele em muitas características - branca, de classe média alta, artista bem-sucedida, - entretanto, não tem algo que o coloca em uma posição acima dela em uma sociedade patriarcal: o fato de ser homem.

Dentro deste amplo universo das mulheres, as mulheres negras são constantemente retratadas como sujeitos excessivamente sexualizados e infantilizados. (MOREIRA, 2019). No dia 26 de agosto de 2016 circulou pela internet um vídeo com o então prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes (PMDB, RJ), que, ao fazer uma entrega de imóveis, faz piadas de cunho sexual ofendendo uma mulher negra, futura moradora, que ficou visivelmente incomodada e envergonhada com a situação. No vídeo, ele proferiu frases como: “Vai trepar muito nesse quartinho.” - “Vai trazer muito namorado pra cá. Rita vai fazer muito sexo aqui.” Para pessoas que estavam do lado de fora da residência, verbaliza: “Ela disse que vai fazer muito canguru perneta aqui. Tá liberado, hein. A senha primeiro.” (CARTACAPITAL, 2016, web).

Com estas frases, este homem reduz a moradora da cidade na qual ele é prefeito a um corpo, com uma funcionalidade apenas, a sexual, desumanizando-a. Alguns meios de comunicação interpretaram essas falas assustadoras como uma gafe do prefeito. No entanto, neste projeto de pesquisa acreditamos que este tipo de humor é algo bem complexo que isso. Não é algo isolado. Ele não é o único. A mobilização política contra essa compensação narcísica do sujeito homem, a partir do humor machista, pode dismantellar a construção simbólica da mulher como moralmente inferior.

Mensagens hostis transmitem ideias da suposta inferioridade constitutiva dos membros de minorias, motivo pelo qual eles não podem gozar de apreço social, não podem ser integrados às instituições, razão pela qual devem ser segregados ou eliminados. (MOREIRA, 2019, p. 166).

O conceito de minoria, a qual Moreira se refere, está relacionado ao acesso a espaços de poder e não quantidade numérica da população. Isto quer dizer que mulheres negras (pardas e pretas) e pobres são a maioria dentre as mulheres brasileiras, porém, são

minorias em espaços decisórios e de exercício efetivo de governança. A contribuição acadêmica para desconstruir este fenômeno social deve ser uma produção textual densa que provoque, problematize e aponte soluções para estas mazelas sociais.

Sobre este último caso, do homem branco-político perpetrado contra a mulher negra-beneficiada de programa de habitação lembro da discussão de Sueli Carneiro (2011), quando esta trata das desigualdades socioeconômicas no Brasil em interface com as desigualdades raciais e critica a falta de estudos sobre um dos aspectos que considera dos mais perversos do racismo que é “[...] os danos psíquicos e, sobretudo, o golpe na autoestima que os mecanismos discriminatórios produzem nas vítimas do racismo.” (CARNEIRO, 2011, p. 79). Acrescento nesta discussão que faço as micro agressões ligadas à identidade de gênero, ser mulher, que intensificam o preconceito compondo-o com frases e gestos que ridicularizam e subestimam a imagem e o ser das vítimas.

Desta maneira, debater sobre a hiper sexualização dos corpos femininos e negros é pensar também que as sociedades os aproximam dos corpos dos animais não-humanos. Para Lélia Gonzaléz (2020, p. 163) “A exploração sexual das mulheres é também outro fator de grande importância no entendimento da relação de opressão e dominação em nossa sociedade.” No estado do Rio de Janeiro dos anos de 1970 e 1980, segundo a autora: “Nos encontros e congressos feministas brancos, mulheres negras eram frequentemente consideradas agressivas ou não feministas por conta de sua insistência em que o racismo precisava ser parte da luta [...]”. (2020, p. 163-164). Esta socióloga afirma que o mito da democracia racial oculta mais do que revela a respeito da violência simbólica perpetrado contra mulheres negras no Brasil. A conexão com o sistema simbólico de que a posição social a ser ocupada por estas pessoas é o lugar da inferioridade e da pobreza é codificado em uma perspectiva étnica e racial que as inclui em uma lógica de objetificação.

Outro assunto que se relaciona ao machismo recreativo é a violência patriarcal. Várias feministas vão fortalecer a ideia de que este tipo de violência é um guarda-chuva para os demais, como por exemplo, a tão discutida violência doméstica ou a violência obstétrica. “A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva.” (bell hooks, 2019, p. 95).

Assim, esta intelectual negra norte-americana inclui nas relações de poder do âmbito familiar o aspecto geracional, a subjugação de crianças e idosos, e, também, as relações homoafetivas. Com relação à violência obstétrica, que se entrelaça ao conceito, de

machismo recreativo, se refere aqueles casos em que há uma interação jocosa e vexatória entre profissional da saúde e paciente gestante ou puérpera. São inúmeros os casos de profissionais da medicina, enfermagem, entre outros, que repetem a frase: “Na hora de fazer não doeu, né?” para milhares de mulheres em trabalho de parto todos os dias. A intenção é fazer humor, entretanto é uma frase que só pode ser considerada engraçada em um contexto de relações desiguais de gênero e machismo estrutural.

Mesmo quando a mulher é jovem e tem a forma corpórea aceitável como norma pelas redes sociais e inclusa nos padrões de beleza e saúde almejados por nossa sociedade (capitalista e utilitarista), ela é passível de ser ridicularizada apenas pelo fato de ser mulher. Ruiz, Araújo e Garcia (2021) escrevem sobre as estereotípias e imaginários cristalizados em nossa sociedade sobre o papel da mulher, o feminismo, o feminino, que ocupam o lócus discursivo nos espaços das mídias digitais. Esses autores refletem sobre a ironia, a surpresa e o inesperado no humor que ataca as conquistas do movimento de mulheres e do feminismo como recurso para reforçar a tradição e o conservadorismo inscrito nas relações interpessoais e sociais.

Observe a imagem a seguir:

**Figura 3** – Meme misógino produzido por cantor famoso



Fonte: [Influencers vão processar Bruno por piada misógina. Veja! \(dol.com.br\)](https://www.dol.com.br)  
Publicado em: 24/09/2022. Acesso em: 29/05/2023.

As duas mulheres jovens, brancas em um cenário de férias e divertimento, vestidas com biquíni, mesmo com seus corpos inseridos no seletivo grupo dos corpos-padrão, não conseguiram escapar do machismo recreativo perpetrado por figura pública. Homem,

branco e cisgênero, Bruno, da dupla sertaneja Bruno e Marrone, é cantor, tem uma longa carreira e boa reputação na mídia. Entretanto, postou esta imagem com o intuito de ser engraçado e sua assessoria repostou o meme produzido a partir de fotografia compartilhada pelas vítimas.

Interessante observar que a pesca é uma atividade historicamente atribuída ao universo masculino e até existem brincadeiras de duplo sentido que associam o “pescar” a buscar uma mulher em espaços de prostituição. Quando se observa uma mulher participando da atividade pesqueira, ela apresenta uma vestimenta que cobre braços, rosto, com óculos e boné, porque esta é necessária para não expor a pele ao sol durante longos períodos de tempo. A postagem das duas mulheres em suas redes sociais funcionou como uma transgressão, pois estavam em um espaço masculino sem a presença de homens, e à vontade com seus corpos ao sol. Reforço: em um espaço socialmente convencionado como o do homem.

A intencionalidade do humor que combina as imagens com três palavras dispostas acima de suas cabeças e do peixe, remete à possibilidade de um homem se envolver com qualquer uma das duas e ser extorquido ou explorado (seja financeiramente ou emocionalmente) por elas. A mensagem que se passa é que mesmo quando a mulher é aparentemente “perfeita” para os moldes de nossa sociedade consumista e imagética, ela é capaz de causar danos irreparáveis aos homens que se envolverem com ela. A influenciadora Thaliane Pereira, uma das mulheres da foto, processou o cantor Bruno pela piada misógina, e, no ano de 2023, fechou um acordo de dez mil reais para encerrar o caso.

A sobrevivência de memes culturais na internet pode acontecer através da competência deste em permanecer durante um bom tempo (longevidade); a capacidade de gerar cópias (fecundidade) e a possibilidade destas cópias serem semelhantes ao original, o que permitiria o seu fácil reconhecimento (fidelidade), de acordo com Wink (2017). A pergunta que posso fazer para entender a complexidade do machismo recreativo que se apresenta sob a forma de meme cultural é: qual o impacto social e político destes memes e quais grupos sociais são atingidos?

Aqueles que compartilham artefatos culturais produzidos pelo machismo recreativo nas mídias digitais, os chamados ativistas de sofá (WOITOWICZ, 2009), fazem coro de vozes ao copiarem, repetirem e publicizarem estas piadas como parte de um discurso coletivo, e, o anonimato destes, bem como a visibilidade dos famosos que criam os artefatos culturais, facilitam a circulação e constituem uma ambivalência necessária para a

consolidação da mentalidade patriarcal e permanência desta em uma modernidade líquida (tardia) ou pós-modernidade. O descentramento identitário permite que estes anônimos se considerem partícipes e, ao mesmo tempo, não-autores, portanto, sem responsabilidade alguma pela produção do preconceito misógino.

### Considerações Finais

É esperado que as discussões amadureçam o conceito e se escreva um considerável material textual a respeito do machismo recreativo na sociedade brasileira e que, a partir destes escritos coletivos, possamos contribuir para as humanidades da comunidade científica de nosso país, e para uma vivência mais saudável em espaços reais e virtuais de entretenimento, esporte e lazer.

### Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, Coleção Feminismos Plurais, 2020.

BRASIL, LEI Nº 14.532, DE 11 DE JANEIRO DE 2023. Lei de Crime Racial.

BRUM, Eliane; SILVA, Lygia Barbosa de. **Laerte-se**. Colorido. *Documentário*. 1h 40min, 08/04/2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARTACAPITAL. “Vai trepar muito no quartinho”: Paes e a desumanização da mulher negra. **Revista CartaCapital**. Disponível em: em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201cvai-trepar-muito-nesse-quartinho201d-paes-e-a-desumanizacao-da-mulher-negra> Publicado em: 29/08/2016. Acesso em: 26/12/2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Coleção TRANS, 2ªed., São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014.

G1 PERNAMBUCO, Sete anos após ser chamada de vaca na TV, maior doadora de leite humano no país ganha processo contra Danilo Gentili. **Jornal Digital**. Publicado em: 01/02/2021. Disponível em: [Sete anos após ser chamada de vaca na TV, maior doadora de leite humano do país ganha processo contra Danilo Gentili | Pernambuco | G1 \(globo.com\)](#) Acesso em: 21/12/2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. 1ªed., Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libânio, 6ª ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LAERTE, **Manual do Minotauro**. 1ªed., São Paulo: Quadrinhos da Cia, 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. Mitológicas 1. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli carneiro, Pólen, Coleção Feminismos Plurais, 2019.

MIGUEL, Luís Felipe. Discursos sexistas no humorismo e na publicidade. A expressão pública, seus limites e os limites dos limites. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 41, jul/dez, 2013, p. 95-119.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de; GARCIA, Luciana Carmona. O humor em (dis) curso: efeitos do feminismo nas mídias digitais. **Cadernos de Estudos de Linguagens**. Campinas, v. 63, 2021, p. 1-14.

UOL. Rafinha Bastos ironiza Wanessa Camargo e cita processo de R\$250 mil. **Jornal UOL digital**. São Paulo: Splash. Publicado em: 12/04/2022. Acesso em: 26/12/2022. Disponível em: [Rafinha Bastos ironiza Wanessa Camargo e cita processo de R\\$ 250 mil \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br)

VEJA. Vídeo de Eduardo Paes em entrega de imóveis no Rio. **Canal da Revista Veja**.  [\(903\) eduardo paes - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=903eduardopaes)  [360p .mp4 - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=360p360p360p)

**TERRA**. Cantor Bruno paga R\$ 10 mil em acordo judicial após piada machista. Publicado em: 26/05/2023. **Página do site Terra**. Disponível em: [Cantor Bruno paga R\\$ 10 mil em acordo judicial após piada machista \(terra.com.br\)](https://www.terra.com.br) Acesso em: 29/05/2023.

WINK, Georg. Humor golpista: memes sobre Dilma Rousseff durante o impeachment. Veredas. **Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 27, jan/jun, 2017, p. 123-140.

WOITOWICZ, Karina Janz. O riso como lugar de expressão e fortalecimento do machismo. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 1, 2009, p. 1-16.